

acompanhada pelos sons das batidas da colher e do triângulo. Pasqualino parecia gostar de um verso infantil que ela recitava enquanto beliscava suavemente os dedos de suas próprias mãos. Nesse verso, o adulto geralmente usa a mão da criança mas Pasqualino não aceitara isso. O verso que ele mais gostava era “Pizzi, pizzi trangolo... la morte di Sandrangolo...”. Ele fazia gestos estranhos, rodopiava, movendo os dedos à medida em que se aproximava, depois se distanciava, voltava. Estava claro que manifestava a sua curiosidade e que começava até mesmo a divertir-se. Um dia ele entrou bruscamente na sala, todo agasalhado e aproximou-se da terapeuta. Sem olhar para ela, colocou as mãos sobre a mesa, abrindo claramente os dedos e esperando que ela os beliscasse, enquanto dizia “Pizzi, pizzi... pizzi, pizzi.”. A sua mãe, mais tarde, contou que nos últimos dias Pasqualino tinha puxado a sua saia, tentando chamar sua atenção. Tinha até se afastado dela ao correr para pegar o ônibus para Milão, gritando “Carolina, pizzi, pizzi... Carolina, pizzi, pizzi...”.

Estas simples expressões verbais, “pizzi, pizzi” e “Carolina”, haviam se tornado fragmentos de imagens interiores que Pasqualino conseguira armazenar para uso posterior. No começo de sua experiência terapêutica, a sala, a terapeuta, os sons, os materiais, as palavras, tudo estava impregnado de sentimentos de pânico e de terror, e se cristalizaram como experiências primitivas e imediatas, despersonalizadas, introjetadas e interiorizadas apenas para serem imediatamente abandonadas. Quando a terapeuta pôde finalmente conter e transformar essas experiências, Pasqualino foi capaz de contê-las na sua própria mente sob a forma de lembranças, podendo, então, utilizá-las em um momento de necessidade. A modalidade defensiva usada pelo paciente foi transformada a partir de algo no estado bruto, não refinado e inanimado (os sons), em um objeto (canções, versos) cheio de significado, pronto para ser absorvido e virar lembrança. Os ruídos produzidos por Pasqualino, de gestos defensivos autísticos, passaram a ser instrumentos de troca e de comunicação sensorial e emocional. Nesse caso, a audição, capaz de desenterrar imagens, criou, desta vez, imagens internas.

Dario

Dario tem 16 anos. É um rapaz psicótico que no primeiro dia de sua terapia descobriu uma caixa cheia de

roupas velhas para vestir e confeccionou para si uma roupa de rei (Piergrossi, 1994). Seu nome era “Re Spaccatutto” (Rei Quebra-Tudo). No início de cada sessão de terapia, durante três anos, vestia-se de rei, de uma maneira muito elaborada, com mantos, coletes, cachecóis e uma coroa. Ele clamava ser todo-poderoso, rico e auto-suficiente. Estava sempre alegre e sorridente, mesmo quando se referia à morte ou quebrava violentamente um objeto. Negava totalmente qualquer problema no mundo real, embora na escola apresentasse dificuldades em aprender e não tivesse amigos; ele tinha comportamentos estranhos e ocasionalmente apresentava um balanço corporal estereotipado.

Após três anos e meio de terapia, não se apresentava mais como um rei todo-poderoso. Começou a ter alguns momentos de verdadeira comunicação. Um episódio, em particular, ilustra a rica combinação de atividade, relacionamento e emoções fortes que caracterizaram seu programa de terapia. Dario começara a se interessar, havia pouco tempo, pelo filme “Nuovo Cinema Paradiso”, nas sessões de terapia mostrava-se envolvido, apaixonado pelo filme. Ele “projetava” slides desenhados por ele mesmo, decorava a sala com coisas de cinema, conforme imaginava ser, com “posters” de filmes etc. Identificou-se com o personagem que projetava os filmes e ficou fascinado com o fogo que acabou destruindo o lugar antes de ser reconstruído.

A sessão que vamos descrever ocorreu no dia em que a terapeuta disse-lhe que se ausentaria por três semanas. Ele ficou desorientado e jogou cadeiras e outros objetos no chão, dizendo que o Cinema Paradiso estava sendo destruído. Ela falou com ele sobre o seu nervosismo e sobre a confusão que a notícia de sua ausência havia provocado mas ele negou tudo, dizendo que não tinha nada a ver com isso. Ele estava somente representando o Cinema Paradiso. Ficou distante, muito sozinho e comunicou com isso um certo desespero. A terapeuta lembrou-

lhe sobre o rei que quebra tudo. Talvez ele tivesse voltado para ajudar Dario a sentir-se mais forte e poderoso em momentos difíceis como aquele e não para sentir-se triste e frágil, ou seja, sentimentos que ele não gostaria de ter. Dario deixou de comportar-se de forma agressiva e começou a ouvir, mas incorporou a idéia grandiosa de reconstruir o Cinema Paradiso, redecorando completamente o sala de terapia, como se estivesse tentando novamente ser onipotente, acreditando ser todo-poderoso, pensando ser o membro do domínio da terapia.

Nesse instante a terapeuta sugeriu construir um modelo em madeira do Cinema Paradiso. A aceitação imediata de Dario foi um momento muito importante de sua terapia. Nas sessões que se seguiram, conforme ia medindo e serrando a madeira, começou a falar sobre as preocupações relativas à ausência da terapeuta e passou a contar os dias do calendário, para reassegurar-se sobre o retorno.

De acordo com as teorias de Winnicott, a atividade de construir um modelo em madeira foi um tipo de fenômeno de transição, que serviu de ligação entre o mundo real de Dario de fazer as coisas, de ser capaz, e o seu mundo interior, cheio de medo e de caos. Nesse momento, entretanto, um outro dado mais específico da experiência da terapia ocupacional pode ser somado ao fazer. Podemos construir a hipótese segundo a qual Dario, longe de esquecer suas preocupações quando trabalhava a madeira, pôde por fim enfrentá-las porque a atividade o estava ajudando a construir uma estrutura interna, paralelamente à evolução do modelo de madeira externo.

O modelo para o "Nuovo Cinema Paradiso" tinha uma fachada difícil, parecia um contêiner em forma de caixa, e ele trabalhou arduamente para reproduzi-la. Construindo-a, ele pôde controlar a madeira e observar a forma evoluir à medida que deixava suas emoções serem contidas e transformadas em pensamentos que podia usar para se desenvolver. Ele não era capaz de fazer conexões usando somente as palavras, tampouco se servia apenas de processos do pensamento. Ele usava as palavras para fazer descrições fantasiosas, para voar e entrar em situações irreais, não para pensar, tal como Bion vê esse

processo, e muito menos para uma verdadeira comunicação com os outros. Por outro lado, através das atividades, ele pôde experimentar sentimentos que se tornaram possíveis graças ao relacionamento com a terapeuta. Nessa ocasião, ele foi capaz de concluir que a ausência dela seria dolorosa para ele. Pôde, finalmente, vê-la de uma forma muito semelhante à imagem que Pasqualino formou da terapeuta Carolina. A participação da terapeuta e a sua continência ajudaram Dario, através da sugestão da construção do modelo do cinema, a transformar uma ação aparentemente sem sentido em pensamento. Foi importante aceitar os sentimentos fortes de perigo e destruição, diante da idéia de ser abandonado, como se tivesse a ver com ele mesmo, e não deslocado na história do Cinema Paradiso.

O programa de terapia ocupacional de Dario começou acompanhando-o na ilusão da onipotência (o rei todo-poderoso) e ajudou-o gradativamente a arriscar-se a viver, interagindo sem a ilusão de ser onipotente. O espaço da terapia ocupacional permitiu a Dario uma transformação interna, passando da onipotência à aceitação da dependência. A sua alternativa, infelizmente, sempre fora o vôo para a psicose, revelada através do uso que faz dos objetos e dos materiais.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, através dos estudos de casos, as autoras tentaram demonstrar o que significa a transformação interna no processo de atividade. Os exemplos de casos têm demonstrado que as habilidades da percepção, da cognição e da linguagem crescem e se desenvolvem junto com a complexa relação com a terapeuta durante a participação na atividade. A teoria psicanalítica tem contribuído com o conhecimento dos processos intrapsíquicos e relacionais para o sucesso da experiência da atividade. O estudo cuidadosamente detalhado das seqüências das sessões de terapia tem ajudado a identificar sinais e indicadores de transformações, tanto internas quanto externas, nos dois casos relatados.

As pesquisas futuras devem tratar sobretudo das

atividades. As autoras vêem a atividade e o fazer como representantes da única contribuição da profissão e as terapeutas ocupacionais como as pessoas mais bem preparadas para esse tipo de trabalho. As pesquisas sobre o significado interno das atividades não devem limitar-se ao campo psiquiátrico. No trabalho de supervisão das autoras para colegas e estudantes de terapia ocupacional, o uso terapêutico das atividades, tal como está descrito neste artigo, tem sido aplicado e observado em pacientes geriátricos, com traumatismo cerebral, com deficiências neurológicas, tanto em crianças quanto em adultos, assim como em pacientes psiquiátricos e oncológicos adultos (Piergrossi e Gibertoni, 1987, 1990).

Observações mais sistemáticas das seqüências das sessões de terapia, tanto individual quanto grupal, onde há diferentes tipos de deficiências, promoveriam o desenvolvimento do conhecimento que as autoras começaram a estudar sobre o mundo interno da pessoa. Os limites desse tipo de pesquisa encontram-se na natureza subjetiva da vida interna do indivíduo e na impossibilidade de saber realmente o que está acontecendo com a outra pessoa. Por outro lado talvez seja importante, para a profissão de terapeuta ocupacional, perceber e aceitar o fato de que nunca será possível quantificar e padronizar certas áreas do nosso trabalho que são aquelas que o tornam mais interessante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dickerson, A.E. — The Relationship between Affect and Cognition, *Occupational Therapy in Mental Health*, págs. 47-59, vol.12, 1992.
- Gibertoni, C.D. — Sensi e Immagini Interne, *Il Ruolo Terapeutico*, pág.7, vol.35/set, 1991a.
- Gibertoni, C.D. — Dimensione Sensoriale e Affettività, *La Dimensione Sensoriale*, págs.9-12, Atti del 10º Congresso da Associazione Italiana di Terapia Occupazionale, Pesaro, Itália, 1991b.
- Greenberg, J.R., Mitchell, S.A. — *Object Relations in Psychoanalytic Theory*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos, 1983.
- Peloquin, S.M. — *The Patient-Therapist Relationship*

in Occupational Therapy: Understanding Visions and Images, *American Journal of Occupational Therapy*, vol.44, págs.13-21, 1990.

Piergrossi, J.C. — Il setting, *Il Ruolo Terapeutico*, pág.5, vol.33/jan, 1990.

Piergrossi, J.C. — Lo Spazio Sensoriale nel Setting di Terapia Occupazionale, *La Dimensione Sensoriale*, Atti del 10º Congresso da Associazione Italiana di Terapia Occupazionale, págs.89-92, Pesaro, Itália, 1991.

Piergrossi, J.C. — Il Reale, *Il Ruolo Terapeutico*, pág.2, vol.50/jan, 1992.

Piergrossi, J.C. — Some Thoughts on the Inner Meaning of Activity, paper apresentado no 11th International WFOT Congress, Londres, Reino Unido, 1994.

Piergrossi, J.C., Gibertoni, C.D. — The Use of Personalized Pictures Books in Occupational Therapy with Emotionally Disturbed Children, *Proceedings of the 8th International Congress WFOT*, págs.697-704, Hamburgo, Alemanha, 1982.

Piergrossi, J.C., Gibertoni, C. — Occupational Therapy's Unique Role in the Separation-Individuation Process of Psychotic Children, paper apresentado no 3rd European Congress of Occupational Therapy, Lisboa, Portugal, 1986.

Piergrossi, J.C., Gibertoni, C. — Clinical Training in an Atypical Situation, *WFOT Bulletin*, págs.10-12, vol.16, 1987.

Piergrossi, J.C., Gibertoni, C. — Understanding Activity in the Therapeutic Relationship: A Learning Experience for Occupational Therapy Students in Italy, paper apresentado no 10th International WFOT Congress, Melbourne, Austrália, 1990.

Piergrossi, J.C., Gibertoni, C.D. — Activities: A Process of External and Internal Transformation, *Proceedings of the 4th European Congress of Occupational Therapy*, págs.178-186, Ostend, Bélgica, 1992.

Saint-Jean, M., Desrosiers, L. — Psychoanalytic Considerations Regarding the Occupational Therapy Setting for Treatment of the Psychotic Patient, *Occupational Therapy in Mental Health*, págs.529-534, vol.34, 1980.

Autoras: Julie Cunningham Piergrossi
e Carolina Gibertoni

Tradução: Jô Benetton

Revisão: Margarita Maria Garcia Lamelo